

Landesbibliothek Oldenburg

Digitalisierung von Drucken

Obras De Luis de Camoens

Camões, Luis de

Paris, 1759

Canto IV.

urn:nbn:de:gbv:45:1-2633



CANTO IV.

ARGUMENTO.

*Acclamado João , de Pedro herdeiro ,
Convoca Leonor ao Castelhana ,
Oppoemse Nuno intrepido guerreiro ,
Dase batalha , vence o Lusitano :
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pellas tumidas ondas do Oceano :
E como ao Gama coube esta alta empresa ,
Por afinar a gloria Portuguesa.*

I.

DE P O I S de procelosa tempestade ,
Nocturna sombra , & sibilante vento ,
Traz a manhã serena claridade ,
Esperança de Porto & salvamento :
Aparta o Sol a negra escuridade ,
Removendo o temor do pensamento :
Assi no Reyno forte aconteceo ,
Depois que o Rey Fernando falleceo.

L iij

I I.

Porque se muitos os nossos desejarão,
 Quem os danos, & offensas vá vingando,
 Naquelles, que tambem se aproveitirão,
 Do descuido remisso de Fernando:
 Depois de pouco tempo o alcançarão,
 Joanne sempre illustre levantando
 Por Rey, como de Pedro unico herdeiro
 (Ainda que bastardo) verdadeiro.

I I I.

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
 Por sinaes muito claros se mostrou,
 Quando em Evora a voz de huma minina
 Ante tempo fallando o nomeou:
 E como coufa em fim, que o Ceo destina,
 No berço o corpo, & a voz alevantou,
 Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, pello Rey novo Dom João.

I V.

Alteradas então do Reyno as gentes,
 Com o odio, que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas, & evidentes,
 Faz do povo o furor por onde vinha:
 Matando vão amigos, & parentes,
 Do adultero Conde, & da Rainha,
 Com quem sua incontinenca deshonesto,
 Mais depois de viuva manifesta.

V.

Mas elle em fim com causa deshonrado ,
 Diante della a ferro frio morre ,
 De outros muitos na morte acompanhado ,
 Que tudo o fogo erguido queima , & corre :
 Quem como Astianax precipitado
 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre ,
 A quem ordens , nem aras , nem respeito ,
 Quem nũ por ruas , & em pedaços feito .

V I.

Podemse pôr em longo esquecimento
 As cruezas mortaes , que Roma vio ,
 Feitas do feroz Matio , & do cruento
 Scylla , quando o contrario lhe fugio :
 Por isso Leonor , que o sentimento
 Do morto Conde , ao mundo descubrio ,
 Faz contra Lusitania vir Castella ,
 Dizendo ser sua filha herdeira della .

V I I.

Beatriz era a filha , que casada
 Co Castelhana està , que o Reyno pede ,
 Por filha de Fernando reputada ,
 Se a corrompida fama lho concede :
 Com esta voz Castella levantada ,
 Dizendo , que esta filha ao pay succede ,
 Suas forças ajunta para as guerras ,
 De varias regioens , & varias terras .

VIII.

Vem de toda a Provincia, que de hum Brigo
 (Se foi) ja teve o nome derivado ,
 Das terras , que Fernando , & que Rodrigo
 Ganhârao do tirano , & Mauro estado :
 Não estimaó das armas o perigo ,
 Os que cortando vaõ co duro arado ,
 Os campos Leonezes , cuja gente
 Cos Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos na antiga valentia ,
 Ainda confiados , se ajuntavão ,
 Da cabeça de toda Andaluzia ,
 Que do Guadalquivir as agoas lavão :
 A nobre Ilha tambem se apercebia ,
 Que antigamente os Tyrios habitavão ,
 Trazendo por insignias verdadeiras
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do Reyno de Toledo ,
 Cidade nobre , & antiga , a quem cercando
 O Tejo em torno vai suave , & ledó ,
 Que das ferras de Conca vem manando :
 A vofoutros tambem não tolhe o medo ,
 O sordidos Gallegos , duro bando ,
 Que para resistirdes vos armastes ,
 A' quelles , cujos golpes ja provaftes.

X I.

Tambem move da guerra as negras furias ,
 A gente Bizcainha , que carece
 De pollidas razoens , & que as injurias ,
 Muito mal dos estranhos compadece :
 A terra de Guipuscua , & das Asturias ,
 Que com minas de ferro se ennobrece ,
 Armou d'elle os soberbos moradores ,
 Para ajudar na guerra a seus senhores.

X I I.

Joane , a quem do peito o esforço crece ,
 Como a Samsão Hebreo da guedelha ,
 Posto que tudo pouco lhe parece ,
 Cos poucos de feu Reyno se aparelha :
 E não porque conselho lhe falleça ,
 Cos principais senhores se aconselha ,
 Mas só por ver das gentes as sentenças ,
 Que sempre ouve entre muitos differenças.

X I I I.

Não falta com razoens , quem desconcerte ;
 Da opinião de todos , na vontade
 Em quem o esforço antigo se converte
 Em desusada , & má deslealdade :
 Podendo o temor mais gelado , inerte ,
 Que a propria , & natural fidelidade ,
 Negão o Rey , & a parria , & se convem
 Negarâm (como Pedro) o Deos , que tem.

XIV.

Mas nunca foi , que este erro se sentisse
 No forte Dom Nuno Alvarez , mas antes ,
 Posto que em seus irmãos tão claro o visse ,
 Reprovando as vontades inconstantes :
 A' quellas duvidosas gentes disse ,
 Com palavras mais duras , que elegantes ,
 A mão na espada , irado , & não facundo ,
 Ameaçando a terra , o mar , & o mundo.

XV.

Como , da gente illustre Portuguesa
 Ha de haver , quem refute o patrio Marte?
 Como , desta Provincia , que Princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte ,
 Ha de sair , quem negue ter defeza ,
 Quem negue a fê , o amor , o esforço , & arte ,
 De Portuguez , & por nenhum respeito ,
 O proptio Reyno queira ver fugeito ?

XVI.

Como , não sois vòs inda os descendentes
 Daquelles , que debaixo da bandeira
 Do grande Enriquez , feros , & valentes ,
 Vencestes esta gente tão guerreira ?
 Quando tantas bandeiras , tantas gentes ,
 Puzerão em fugida , de maneira ,
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão
 Presos , afóra a presa , que tiverão.

XVII.

Com quem forão contino sopeados ,
 Estes , de quem o estais agora vòs ,
 Por Diniz , & seu filho sublimados ,
 Senão cos vossos fortes pays , & avos ?
 Pois se com seus descuidos , ou peccados ,
 Fernando em tal fraqueta assi vos pos ,
 Torne vos vossas forças o Rey novo ,
 Se he certo , que co Rey se muda o povo.

XVIII.

Rey tendes tal , que se valor tiverdes ,
 Igual ao Rey , que agora levantastes ,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes ,
 Quanto mais , a quem ja desbaratastes :
 E se com isto em fim vos não moverdes ,
 Do penetrante medo , que tomastes ,
 Atai as mãos a vosso vão receyo ,
 Que eu só resistirei ao jugo alheyo.

XIX.

Eu só com meus vassallos , & com esta ,
 (E dizendo isto arranca meya espada)
 Defenderei da força dura , & infelta ,
 A terra nunca de outrem sojugada :
 Em virtude do Rey , da Patria mesta ,
 Da lealdade ja por vós negada ,
 Vencerei , não só estes adversarios ,
 Mas quantos a meu Rey forem contrários.

X X.

Bem como entre os mancebos recolhidos ;
 Em Canusio , reliquias sós de Canas ,
 Ja para se entregar , quasi movidos ,
 A' Fortuna das forças Africanas :
 Cornelio moço os faz , que compelidos
 Da sua espada jurem , que as Romanas
 Armas não deixarã , em quanto a vida
 Os não deixar , ou nellas for perdida.

X X I.

Desta arte a gente força , & esforça Nuno,
 Que com lhe ouvir as ultimas razões ,
 Remove o temor frio , & importuno ,
 Que gelados lhes tinha os corações :
 Nos animaes cavalgão de Neptuno ,
 Brandindo , & volteando arremessoes ,
 Vão correndo , & gritando a boca aberta ,
 Viva o famoso Rey , que nos liberta.

X X I I.

Das gentes populares hums approvão
 A guerra , com que a patria se fostinha ,
 Hús as armas alimpão , & renovão ,
 Que a ferugem da paz gastadas tinha :
 Capacetes estofão , peitos provão ,
 Armase cada hum como convinha :
 Outros fazem vestidos de mil cores ,
 Com letras , & tençoës de seus amores.

Com

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia,
 Joanne forte fae da fresca Abrantes,
 Abrantes, que tambem da fonte fria,
 Do Tejo logra as agoas abundantes.
 Os primeiros armigeros regia,
 Quem para reger era os mui possantes
 Orientaes exercitos sem conto,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto.

XXIV.

Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos Castelhanos,
 Como ja o fero Huno o foi primeiro,
 Para Francezes, para Italianos:
 Outro tambem famoso cavalleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto para mandalos, & regelos,
 Mem Rodriguez se diz de Vasconcelos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
 Antão Vasquez de Almada he Capitão,
 Que depois foi de Abrâches nobre Cõde,
 Das gentes vai regendo a sestra mão:
 Logo na retaguarda não se esconde
 Das quinas, & castellos o pendaõ,
 Com Joanne Rey forte em toda parte,
 Que escurecendo o preço vai de Marte.

Tom. I.

M



X X V I.

Estavaõ pellos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezãdo as mãys, irmãs, damas, & esposas,
 Prometendo jejuns, & romarias:
 Ja chegaõ as esquadras bellicosas
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duvida concebem.

X X V I I.

Réspndem ás trombetas mensageiras
 Pifanos sibilantes, & atambores,
 Os Alferes volteaçõ as bandeiras,
 Que variadas faõ de muitas cores:
 Era no seco tempo, que nas ciras
 Ceres o fruto deixa aos lavradores,
 Entra em Astrèa o Sol, no mes de Agosto,
 Bacco das uvas tira o doce mosto.

X X V I I I.

Deu final a trombeta Castelhana,
 Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
 Ouvioo o monte Attabro, & Guadiana,
 Atraz tornou as ondas de medroso,
 Ouvioo o Douro, & a terra Trans>tagana,
 Correo ao mar o Tejo duvidoso,
 E as mãys, que o som terrivel escutãrão,
 Aos peitos os filhinhos apertãrão,

X X I X.

Quantos rostos alli se vem sem cor,
 Que ao coração açode o sangue amigo,
 Que nos perigos grandes o temor
 He maior muitas vezes, que o perigo:
 E se o não he, pareceo, que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo,
 Faz não sentir, que he perda grande, & rara,
 Dos membros corporaes a vida cara.

X X X.

Começase a travar a incerta guerra,
 De ambas partes se move a primeira ala,
 Huns leva a defensão da propria terra,
 Outros as esperanças de ganhala:
 Logo o grande Percira, em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se assinala,
 Derriba, encôtra, & a terra emfim femca,
 Dos que tanto a desejaõ, sendo alhea.

X X X I.

Ja pello espesso ar os estridentes
 Farpaoés, setas, & varios tiros voaõ,
 Debaixo dos pés duros dos ardentes
 Cavallos, treme a terra, os valles soaõ:
 Espedaçaõse as lanças, & as frequentes
 Quedas co as duras armas tudo atroaõ,
 Recreem os imigos sobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os apouca.

M ij

XXXI.

Eis alli seus irmãos contra elle vão
 [Caso feo, & cruel] mas não se espanta,
 Que menos he querer matar o irmão,
 Quem contra o Rey, & a patria se levanta:
 Destes arrenegados muitos são,
 No primeiro esquadrão, que se adianta
 Contra irmãos, & parentes, caso estranho,
 Quaes nas guerras civis de Julio Magno.

XXXII.

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, & voutros dos antigos,
 Que contra vossas patrias, com profano
 Coração, vos fizestes inimigos:
 Se lá no Reyno escuro de Sumano,
 Receberdes gravissimos castigos,
 Dizeilhe, que tambem dos Portugueses,
 Alguns traidores houve algúas vezes.

XXXIV.

Rompemse aqui dos nossos os primeiros,
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Está alli Nuno, qual pellos outeiros
 De Ceuta está o fortissimo Leão:
 Que cercado se vê dos cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuão,
 Perseguemno co as lanças, & elle iroso,
 Turbado hū pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com turva vista os vé, mas a natura
 Ferina, & a ira não lhe compadecem,
 Que as costas dé, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recreem:
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co sangue alheyo; alli perecem
 Alguns dos seus, que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a afronta, que passava
 Nuno, que como sabio Capitaõ,
 Tudo corria, & via, & a todos dava,
 Com presença, & palavras, coração:
 Qual parida Leoa fera, & brava,
 Que os olhos, que no ninho sós estáõ,
 Sentio, que em quanto o pasto lhe buscára,
 O pastor de Massilia lhos furtára.

XXXVII.

Corre raivosa, & freme, com bramidos,
 Os montes sete irmãos atroa, & abala,
 Tal Joanne, com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode a primeira ala:
 O' fortes companheiros, ò subidos
 Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
 Defendei vossas terras, que a esperança
 Da liberdade esta na vossa lança.

M iij

XXXVIII.

Vedesme aqui Rey vosso & companheiro ,
 Que entre as lanças , & setas , & os arneses
 Dos inimigos corro , & vou primeiro ,
 Pelejai verdadeiros Portugueses :
 Isto disse o magnanimo guerreiro ,
 E sopefando a lança quatro vezes ,
 Com força tira , & deste unico tiro ,
 Muitos lançáraõ o ultimo suspiro.

XXXIX.

Porque eis os seus acesos novamente
 De hũa nobre vergonha , & honroso fogo ,
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do Marcio jogo :
 Perfiãõ , tinge o ferro o fogo ardente ,
 Rompem malhas primeiro , & peitos logo ,
 Assi reccebem junto , & daõ feridas ,
 Como a quem ja não doe perder as vidas.

XL.

A muitos mandaõ ver o Estigio lago ,
 Em cujo corpo a morte , & o ferro entrava ,
 O Mestre morre alli de San-Tiago ,
 Que fortissimamente pelejava :
 Morre tambem fazendo grande estrago
 Outro Mestre cruel de Calatrava ,
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem , arrenegando o Ceo & os Fados.

X L I.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vaõ, & tambem dos nobres, ao profundo,
 Onde o trifauce Caõ perpetua fome
 Tem das almas, que passaõ deste mundo:
 E porque mais aqui se amance, & dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana,
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

X L I I.

Aqui a fera batalha se encrucece
 Com mortes, gritos, sangue, & cutiladas,
 A multidaõ da gente, que perece
 Tem as flores da propria cor mudadas:
 Ja as costas daõ, & as vidas, ja falece
 O furor, & sobejaõ as lançadas:
 Ja de Castella o Rey desbaratado
 Se vé, & de seu proposito mudado.

X L I I I.

O campo vai deixando ao vencedor,
 Contento de lhe naõ deixar a vida,
 Seguemno os que ficâraõ, & o temor
 Lhe da não pés, mas azas a fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da deshonra, & triste nojo,
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

X L I V.

Alguns vão maldizendo, & blasfemando
 Do primeiro, que guerra fez no mundo,
 Outros a sede dura vão culpando
 Do peito cobiçoso, & sitibundo:
 Que por tomar o alheo, o miserando
 Povo a ventura as penas do profundo,
 Deixando tantas máys, tantas esposas,
 Sem filhos, sem maridos desditosas.

X L V.

O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo, em grande gloria,
 Com offertas depois, & romarias,
 As graças deu a quem lhe deu vitoria:
 Mas Nuno, que não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senão por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa Transtaganas.

X L V I.

Ajudao seu destino de maneira,
 Que fez igual o effeito ao pensamento,
 Porque a terra dos Vandalos fronteira,
 Lhe concede o despojo, & o vencimento:
 Já de Sevilha a Bethica bandeira,
 E de varios senhores num momento
 Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
 Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas, & outras vitorias longamente
 Erão os Castelhanos opprimidos,
 Quando a Paz desejada ja da gente,
 Derão os vencedores aos vencidos:
 Depois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os Reys inimigos por maridos,
 Aas duas illustrissimas Inglezas,
 Gentis, formosas, inclitas princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte usado à guerra,
 Não ter imigo ja, a quem não faça dano,
 E assi não tendo, a quem vencer na terra,
 Vai cometer as ondas do Oceano:
 Este he o primeiro Rey, que se desterra
 Da patria por fazer, que o Africano,
 Conheça pelas armas, quanto excede
 A ley de Christo à ley de Mafamede.

XLI X.

Eis mil nadantes aves pelo argento
 Da furiosa Thetis inquieta,
 Abrindo as pandas azas vão ao vento,
 Para onde Alcides poz a extrema meta:
 O monte Abyla, & o nobre fundamento
 De Ceuta toma, & o torpe Mahometa,
 Deita fôra, segura toda Espanha,
 Da Iuliana mã, & desleal manha.

L.

Não consentio a morte tantos annos,
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do Ceo supremo quiz que provasse:
 Mas para defensão dos Lusitanos,
 Deixou quem o levou, quem governasse,
 E aumentasse a terra mais que de antes,
 Inclita geração, altos Infantes.

L I.

Não foi do Rey Duarte tão ditoso
 O tempo, que ficou na summa alteza,
 Que assi vai alternando o tempo iroso,
 O bem co mal, o gosto co a tristeza:
 Quem vio sempre hũ estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
 Pois inda neste Reyno, & neste Rey,
 Não usou ella tanto desta ley.

L I I.

Vio ser cativo o santo Irmão Fernando,
 Que a tão altas empresas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando,
 Cercado ao Sarraceno se entregava:
 Só por amor da Patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceuta,
 Mais o publico bem, que o seu respeito.

L I I I.

Codro, porque o inimigo não venceffe ;
 Deixou antes vencer da morte a vida,
 Regulo porque a Patria não perdeffe,
 Quiz antes à liberdade ver perdida:
 Este, porque se Espanha não temeffe,
 A cativoiro eterno se convida;
 Codro, nem Curcio, ouvido por espanto ;
 Nem os Decios leaes fizêrão tanto.

L I V.

Mas Affonso do Reyno unico herdëiro,
 [Nome em armas ditoso em nossa Esperia]
 Que a soberba do barbaro fronteiro
 Tornou em baixa, & humillima miseria:
 Fora por certo invito cavaleiro,
 Senão quizêra ir ver a terra Ibèria,
 Mas Africa dirá ser impossivel,
 Poder ninguem vencer o Rey terrivel.

L V.

Este pôde colher as maçãs de ouro,
 Que sômente o Thyrinthio colher pode;
 Do jogo, que elle poz ao bravo Mouro,
 A cerviz inda agora não sacóde:
 Na frente a palma leva, & o verde louro
 Das vitorias do barbaro, que acode
 A defender Alcacer, forte Villa,
 Tanger populosa, & a dura Arzilla.

LVI.

Porém ellas em fim por força entradas ;
 Os muros abaixarão de diamante ,
 A's Portuguezas forças costumadas ,
 A derribarem quanto achão diante ,
 Maravilhas em armas estremadas ,
 E de escriptura dinas elegante ,
 Fizêrão cavaleiros nesta empresa ,
 Mais affinando a fama Portugueza .

LVII.

Porém depois , tocado de ambição' ,
 E gloria de mandar amara , & bella ,
 Vai cometer Fernando de Aragão ,
 Sobre o potente Reyno de Castello :
 Ajuntase a inimiga multidão
 Das soberbas , & varias gentes della :
 Desde Cadiz ao alto Pirineo ,
 Que tudo ao Rey Fernando obedeceo .

LVIII.

Não quiz ficar nos Reynos ocioso
 O mancebo Joanne , & logo ordena
 De ir ajudar o pay ambicioso ,
 Que então lhe foi ajuda , não pequena :
 Sahiose em fim do trance perigoso ,
 Com fronte não turbada , mas serena ,
 Desbaratado o pay sanguinolento ,
 Mas ficou duvidoso o vencimento .

Porque

LIX.

Porque o filho sublime, & soberano;
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contratios fazendo immenso dano,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro:
 Desta arte foi vencido Octaviano,
 E Antonio vencedor seu companheiro,
 Quando daquelles, que a Cesar matãõ,
 Nos Filipicos campos se vingãõ.

LX.

Porém depois que a escura noite eterna,
 Affonso apofentou no Ceo sereno,
 O Principe, que o Reyno então governa,
 Foi Joanne segundo, & Rey trezeno:
 Este por haver fama sempiterna,
 Mais do que tentar pôde homem terreno,
 Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seis companheiros, que passãõ
 Espanha, França, Italia celebrada,
 E lá no illustre porto se embarcãõ,
 Onde já foi Parténope enterrada:
 Napoles, onde os fados a mostrãõ,
 Fazendo a varias gentes sobjugada,
 Para a illustrar no fim de tantos annos,
 Co senhorio de inclytos Ispanos.



L X I I.

Pello mar alto Siculo navegaõ ,
 Vaõse às prayas de Rhodes arenosas ,
 E dalli às ribeiras altas chegaõ ,
 Que co a morte de Magno saõ famoças :
 Vaõ à Menfis , & às terras , que se regaõ
 Das enchentes Niloticas undosas ,
 Sobem a Ethiopia sobre Egypto ,
 Que de Christo là guarda o santo rito.

L X I I I.

Passaõ tambem as ondas Erythrças ,
 Que o povo de Israel sem nao passou ,
 Ficaõlhe atraz as terras Nabathças ,
 Que o filho de Ismael cõ o nome ornou :
 As coftas odoriferas Sabças ,
 Que a máy do bello Adonis tanto hõrou ,
 Cercaõ com toda Arabia descuberta ,
 Felix , deixando a Petrea , & a Deserta.

L X I V.

Entraõ no Estreito Persico onde dura
 Da confusa Babel , inda a memoria :
 Alli co Tigre o Eufrates se mistura ,
 Que as fontes onde nascem tem por gloria :
 Dalli vaõ em demanda da agoa pura ,
 Que causa ainda serà de larga historia ,
 Do Indo , pellas ondas do Oceano ,
 Onde não se atreveo passar Trajano.

L X V.

Virão gentes incognitas , & eſtranhas ,
 Da India , da Carmania , & Gedroſia ,
 Vendo varios coſtumes , varias manhas ,
 Que cada Região produz , & cria :
 Mas de vias tão aſperas , tamanhas ,
 Tornarſe facilmente não podia ,
 Lá mortérão em fim , & lá ficarão
 Que à deſejada patria não tornâo.

L X V I.

Parece , que guardava o claro Ceo
 A Manoel , & ſeus merecimentos ,
 Eſta empreſa tam ardua , que o moveo
 A ſubidos , & illuſtres movimentos :
 Manoel , que a Joanne ſuccedeo
 No Reyno , & nos altivos penſamentos :
 Logo como tomou do Reyno o cargo ,
 Tomou mais a conquiſta do mar largo.

L X V I I.

O qual , como do nobre penſamento
 Daquelle obrigação , que lhe ficara
 De ſeus antepaſſados , cujo intento
 Foi ſempre acreeſcentar a terra cara ,
 Não deixalle de ſer hum ſó momento
 Conquiſtado , no tempo , que a luz clara
 Foge , & as eſtrellas nitidas , que ſaem ,
 A repouſo convidão , quando caem.

N ij



L X V I I I.

Estando ja deitado no aureo leite ,
 Onde imaginações mais certas são ,
 Revolvendo continuo em o conceito ,
 De seu officio , & sangue a obrigação ;
 Os olhos lhe occupou o sono accito ,
 Sem lhe defocupar o coração ,
 Porque tanto que lasso se adormece ,
 Morfeo em varias formas lhe apparece.

L X I X.

Aqui se lhe apresenta , que subia
 Taõ alto , que tocava a prima Esfera ,
 Donde diante varios mundos via ,
 Nações de muita gente estranha , & fera ;
 E lá bem junto donde nasce o dia ,
 Depois que os longos olhos estendéra ,
 Vio de antigos , longinquos , & altos montes
 Nascerem duas claras , & altas fontes.

L X X.

Aves agrestes , feras alimárias ,
 Pello monte salvatico habitavaõ ,
 Mil arvores sylvestres , & hervas varias ,
 O passo , & o trato às gentes atalhavaõ :
 Estas duras montanhas adversarias ,
 De mais conversação por si mostravaõ ,
 Que desque Adão peccou aos nossos annos ,
 Não as rompêraõ nunca pès humanos.

L X X I.

Das agoas se lhe antolhaõ , que fahiaõ ,
 Para elle os largos passos inclinando
 Dous homens , que mui velhos parecião ,
 De aspeito , inda que agreste , venerando :
 Das pontas dos cabellos lhe cahião
 Gotas , que o corpo todo vão banhando ,
 A cor da pelle baça , & denegrada ,
 A barba irfuta , intonfa , mas comprida.

L X X I I.

De ambos de dous a fronte coroada ,
 Ramos não conhecidos , & hervas tinha ,
 Hum delles a presença traz cançada ,
 Como quem de mais longe alli caminha :
 E assi a agoa com impeto alterada ,
 Parecia , que de outra parte vinha ,
 Bem como Alféo de Arcadia em Syracusa
 Vai a buscar os braços de Arctusa.

L X X I I I.

Este , que era o mais grave na pessoa ,
 Desta arte para o Rey de longe brada :
 O tu , a cujos Reynos , & Coroa ,
 Grande parte do mundo está guardada :
 Nòsoutros , cuja fama tanto voa ,
 Cuja cerviz bem nunca foi domada ,
 Te avifamos , que he tempo , que ja mandes
 A receber de nòs tributos grandes.

N iij



L X X I V.

Eu sou o illustre Ganges , que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro ,
 Estoutro he o Indo Rey , que nesta serra
 Que vés , seu nascimento tem primeiro :
 Custartemos com tudo dura guerra ,
 Mas insistindo tu por derradeiro ,
 Com não vistas vitorias sem receyo ,
 A quantas gentes vés porás o freyo.

L X X V.

Naõ disse mais o rio illustre , & fante ,
 Mas ambos desaparecem num momento ,
 Acorda Manoel cum novo espanto ,
 E grande alteração de pensamento :
 Estendeo nisto Phebo o claro manto ,
 Pelo escuro Emisferio sonolento ,
 Veyo a manhãa no Ceo pintando as cores
 Da pudibunda rosa , & roxas flores.

L X X V I.

Chama o Rey os senhores a conselho ;
 E propoemlhe as figuras da visãõ ,
 As palavras lhe diz do santo velho ,
 Que a todos forão grande admiração :
 Determinão o nautico aparelho ,
 Para que com sublime coração
 Vá a gente , que mandar cortando mares ,
 A buscar novos climas , novos arcs.

L X X V I I.

Eu , que bem mal cuidava , que em effeito
 Se puzesse , o que o peito me pedia ,
 Que sempre grandes cousas deste geito ,
 Prefago o coração me prometia :
 Não sei porque razão , porque respeito ,
 Ou porque bom final , que em mi se via ,
 Me poem o inclito Rey nas mãos a chave
 Deste cometimento grande , & grave.

L X X V I I I.

E com rogo , & palavras amorosas ,
 Que he hum mádo nos Reys , q' à mais obriga,
 Me disse : As cousas arduas , & lustrosas ,
 Se alcanção com trabalho , & com fadiga :
 Faz as pessoas altas , & famosas ,
 A vida , que se perde , & que periga ,
 Que quando ao medo infame não se rende
 Então , se menos dura , mais se estende.

L X X I X.

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para huma empresa , qual a vós se deve ;
 Trabalho illustre , duro , & esclarecido ,
 O que eu sei que por mi vos será leve :
 Não sofri mais , mas logo , ó Rey subido
 Aventurarme a ferro , a fogo , a neve ,
 He tão pouco por vós , que mais me pena
 Ser esta vida cousa tão pequena.

L X X X.

Imaginal tam grandes aventuras,
 Quaes Euristeo a Alcides inventava,
 O Leão Cleonéo, Harpias duras,
 O Porco de Erimantho, a Idra brava:
 Dezer em fim as sombras vãs, & escuras,
 Onde os campos de Dyte a Estige lava,
 Porque a mayor perigo, a mór afronta,
 Por vós ó Rey, o espirito, & carne he pronta.

L X X X I.

Com merces sumptuosas me agradece,
 E com razoens me louva esta vontade,
 Que a virtude louvada vive, & crece,
 E o louvor a altos casos persuade:
 A acompanhar-me logo se offerece,
 Obrigado de amor, & de amizade,
 Não menos cobiçoso de honra, & fama,
 O caro meu irmão Paulo da Gama.

L X X X I I.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
 De trabalhos mui grande soffredor,
 Ambos são de valia, & de conselho,
 De experiencia em armas, & furor:
 Já de manceba gente me aparelho,
 Em quem crece o desejo de valor,
 Todos de grande esforço, & assi parece,
 Quem à tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Forão de Manoel remunerados,
 Porque com mais amor se apercebessem,
 E com palavras altas animados,
 Para quantos trabalhos succedessem:
 Assim forão os Mynias ajuntados,
 Para que o veo dourado combatessem
 Na fatidica nao, que oufou primeira
 Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV.

E ja no porto da inclita Ulyflea,
 Cum alvoroço nobre, & cum desejo
 (Onde o licor mistura a branca area,
 Co falgado Neptuno o doce Tejo.)
 As naos prestes estão, & não recea
 Temor nenhum o juvenil despejo,
 Porque a gente maritima, & a de Marte
 Estão para seguirme a toda parte.

LXXXV.

Pellas prayas vestidos os soldados,
 De varias cores vem, & varias artes,
 E não menos de esforço aparelhados,
 Para buscar do mundo novas partes:
 Nas fortes naos os ventos solleçados,
 Ondeão os aerios estendartes,
 Ellas prometem, vendo os mares largos,
 De fer no Olimpo estrellas, como a d'Argos.

L X X X V I .

Depois de aparelhados desta forte ,
 De quanto tal viagem pede , & manda ,
 Aparelhamos a alma para a morte ,
 Que sempre aos Nautas ante os olhos anda :
 Para o fumo poder , que a Eterea corte
 Sustenta só co a vista veneranda ,
 Imploramos favor , que nos guiasse ,
 E que nossos começos aspirasse .

L X X X V I I .

Partimonos assi do santo templo ,
 Que nas prayas do mar está sentado ,
 Que o nome tem da terra , para exemplo ,
 Onde Deos foi em carne ao mundo dado :
 Certificote , ò Rey , que se contemplo ,
 Como fui destas prayas apartado ,
 Cheyo dentro de duvida , & receyo ,
 Que a penas nos meus olhos ponho o freyo .

L X X X V I I I .

A gente da Cidade aquelle dia
 (Huns por amigos , & outros por parentes ,
 Outros por ver sómente) concorria ,
 Saudosos na vista , & descontentes :
 E nós co a virtuosa companhia
 De mil Religiosos diligentes ,
 Em procissão solemne a Deos orando ,
 Para os bateis viemos caminhando .

L X X X I X.

Em tão longo caminho, & duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavão,
 As mulheres com choro piedoso,
 Os homens com suspiros, que arraçavao:
 Mãys, esposas, irmãas, que o temeroso
 Amor mais desconfia, acrescentavao
 A desesperaçao, & frio medo
 De ja nos não tornar a ver tão cedo.

X C.

Qual vai dizendo: ò filho, a quem eu tinha
 Só para refrigério, & doce amparo,
 Desta cançada ja velhice minha,
 Que em choro acabará penoso, & amaro:
 Porque me deixas mísera, & mesquinha?
 Porque de mim te vãs, o filho caro,
 A fazer o funeroso enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento?

X C I.

Qual em cabelo, ó doce, & amado esposo,
 Sem quem não quiz amor que viver possa,
 Porque his aventurar ao mar iroso
 Essa vida, que he minha, & não he vossa?
 Como por hum caminho duvidoso,
 Vos esquece a afeiçao tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento,
 Quereis que com as vellas leve o vento?

X C I I.

Nestas, & outras palavras, que dizião ;
 De amor, & de piedosa humanidade,
 Os velhos, & os mininos os seguião,
 Em quem menos esforço poem a idade:
 Os montes de mais perto respondião,
 Quasi móvidos de alta piedade,
 A branca area as lagrimas banhavão,
 Que em multidão com ellas se igualavão.

X C I I I.

Nos outros sem a vista levantarmos,
 Nem à mãy, nem à esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do propósito firme começado:
 Determinci de allí nos embarcarmos,
 Sem o despedimento costumado,
 Que posto que he de amor ufança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

X C I V.

Mas hum velho de aspeito venerando ;
 Que ficava nas prayas, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente,
 A vos pezada hum pouco levantando,
 Que nos no mar ouvimos claramente,
 Cum saber sò de experiencias feito,
 Tacs palayras tirou do experto peito.

X C V.

O glória de mandar ! o vã cobiça
 Desta vaidade , a quem chamamos Fama !
 O fraudulento gosto , que se atiça
 Cum a aura popular , que honra se chama !
 Que castigo tamanho , & que justiça
 Fazes no peito vaõ , que muito te ama !
 Que mortes , que perigos , que tormentas ,
 Que ctueldades nelles exprimentas !

X C V I.

Dura inquietaçãõ d'alma , & da vida ,
 Fonte de defamparos , & adulterios ,
 Sagaz consumidora conhecida ,
 De fazêndas , de Reynos , & de Imperios :
 Chamaõte illustre , chamaõte subida ,
 Sendo digna de infames vituperios ,
 Chamaõte Fama , & gloria soberana ,
 Nomes , com que se o povo nescio engana.

X C V I I.

A que novos desfastes determinas
 De levar estes Reynos , & esta gente ?
 Quê perigos , que mortes lhe destinas
 Debaixo de algum nome preeminente ?
 Que promessas , que Reynos , & que minas
 D'ouro , que lhe faràs taõ facilmente ?
 Que Famas lhe prometerás , que historias ?
 Que triunfos , que palmas , que vitorias ?

Tom. I.

○



XCVIII.

Mas ò tu , gèraçãõ daquelle infano ;
 Cujo peccado , & defobediencia ,
 Não fomite do Reyno soberano ,
 Te poz neste desterro , & triste ausencia ;
 Mas inda de outro estado mais que humano ,
 Da quieta , & da simples innocencia ,
 Idade de ouro , tanto te privou ,
 Que na de ferro , & de armas te deitou .

XCIX.

Ja que nesta gostosa vaidade ,
 Tanto enlevas a leve fantasia ,
 Ja que à bruta crueza , & feridade ,
 Puzeste nome , esforço , & valentia :
 Ja que prezas em tanta quantidade ,
 O desprezo da vida , que devia
 De ser sempre estimada , pois que ja
 Temeo tanto perdella , quem a dá .

C.

Não tens junto contigo o Ismaelita ,
 Com quem sempre terás guerras sobejas ?
 Naõ segue elle do Arabio a ley maldita ,
 Se tu pella de Christo sò pelejas ?
 Naõ tem Cidades mil , terra infinita ,
 Se terras , & riqueza mais desejas ?
 Não he elle por armas esforçado ,
 Se queres por vitorias ser louvado ?

C I.

Deixas criar às portas o inimigo ,
 Por ires buscar outro de tam longe ,
 Por quem se despovoe o Reyno antigo ,
 Se enfraqueça , & se vâ deitando a longe ?
 Buscas o incerto , & incognito perigo ,
 Porque a Fama te exalte , & te lifonge ,
 Chamandote senhor com larga copia ,
 Da India , Persia , Arabia , & da Ethiopia ?

C I I.

O maldito o primeiro , que no mundo ,
 Nas ondas vella poz em seco lenho ,
 Digno de eterna pena do profundo ,
 Se he justo a justa ley , que figo , & tenho ?
 Nunca juizo algum alto , & profundo ,
 Nem cythara sonora , ou vivo engenho ,
 Te dê por isso Fama , nem memoria ,
 Mas contigo se acabe o nome , & gloria.

C I I I.

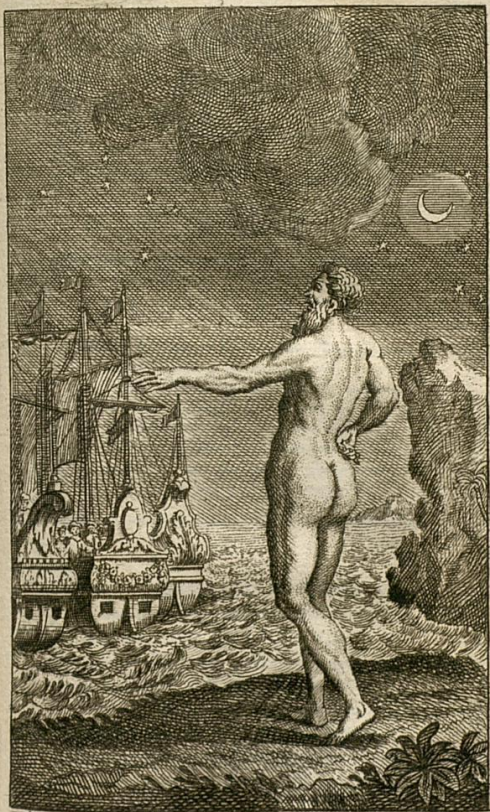
Trouxe o filho de Japeto do Ceo
 O fogo , que ajuntou ao peito humano ,
 Fogo , que o mundo em armas acendeo ,
 Em mortes , em deshonoras , grande engano ?
 Quanto melhor nos fora , Prometeo ,
 E quanto para o mundo menos dano ,
 Que a tua estatua illustre não tivera
 Fogo de altos desejos , que a movera ?

O ij

CIV.

Não comettèra o moço miserando
 O carro alto do pay , nem o ar vazio ,
 O grande Architector co filho , dando
 Hum nome ao mar , & outro fama ao rio :
 Nenhum comerimento alto , & nefando ,
 Por fogo , ferro , agoa , calma , & frio ,
 Deixa intentado a humana gêraçõ ,
 Misera sorte , eſtranha condiçõ .





canto 6

